

O consumido e o consumado:

Apropriações antológicas e inéditas de Borges

João Anzanello Carrascoza¹

Resumo

Selecionar, alterar e editar são atos constitutivos do processo de criação no domínio das artes. Incontáveis são os exemplos de artistas cuja produção apresenta singularidades em relação a essas etapas, e sua prática determina como resultado o seu próprio estilo, o que o diferencia dos demais. Expoente da arte de se apropriar de narrativas clássicas para construir a sua obra, escolhendo delas partes nucleares, Jorge Luis Borges figura neste ensaio com sete contos inéditos em língua portuguesa, nos quais suas tramas se mostram compostas de fragmentos de histórias míticas de tradição greco-romana, reelaboradas pelo seu talento ficcional, ratificando-o como um dos pioneiros da técnica de escrita não-criativa. O procedimento de “corta e cola” não se restringiu, em seu caso, à camada superficial do texto, mas deslizou para a micro e macro-estrutura de suas narrativas. Além de sua “contribuição” para essa corrente literária que se alimenta mais estreitamente dos intertextos como matéria-prima primordial de seu fazer, realçamos também nesse contexto o tema da tradução como transcrição, reapropriação e co-autoria, abrindo discussão acerca da inautenticidade da arte não apenas no contemporâneo digital, mas em sua própria genealogia.

Palavras-chave

Consumo; Literatura; Intertexto; Tradução; Autoria.

¹Doutor e mestre pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP. E-mail: jcarrascoza@espm.br

Consumed and consummated:

Borges anthological and unpublished appropriations

João Anzanello Carrascoza¹

Abstract

Selecting, changing and editing are constitutive acts of the creative process in the field of the arts. Countless are the examples of artists whose production presents singularities in relation to these stages, and their practice determines their own style as a result, which sets them apart from the others. An exponent of the art of appropriating classic narratives to build his work, choosing from them core parts, Jorge Luis Borges appears in this essay with seven unpublished tales in Portuguese, in which his plots are composed of fragments of mythical stories of Greek Roman tradition, re-elaborated by his fictional talent, ratifying him as one of the pioneers of the technique of non-creative writing. The “cut and paste” procedure was not restricted, in his case, to the superficial layer of the text, but slid into the micro and macro-structure of his narratives. In addition to his “contribution” to this literary current that feeds more closely on intertexts as the primary raw material of his making, we also highlight in this context the theme of translation as transcreation, reappropriation and co-authorship, opening a discussion about the inauthenticity of art not just in the digital contemporary, but in your own genealogy.

Keywords

Consumption; Literature; Intertext; Translation; Authorship.

¹Doutor e mestre pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP. E-mail: jcarrascoza@espm.br

As artes se contaminam mutuamente na esfera cultural, cada uma à sua maneira, pelas suas próprias configurações canônicas (que incluem as vanguardas) e pelos numerosos procedimentos estilísticos de seus criadores. A literatura, em particular, se apropria de elementos e técnicas que pertencem a outras artes e ostenta dezenas de exemplos expressivos, sobretudo de autores que constroem a sua obra, de inegável inventividade, relendo e recontando, ou mesmo fagocitando, aspectos enunciativos e denunciativos de obras clássicas, como é o caso do escritor Jorge Luis Borges.

Desnecessário aqui elencar contos, poemas e ensaios desse escritor nos quais não se note os seus enciclopédicos e multi-idiomáticos intertextos com a tradição grego-latina especialmente (mas não só), em forma de paródias ou paráfrases, posto que todos emergem de uma forma peculiar, senão inaugural, de explorar o já escrito por nomes incontornáveis das letras (Homero, Shakespeare, Cervantes, Milton etc.). Vale ressaltar, contudo, que, nessa poderosa e influenciadora maneira de armar suas narrativas, Borges trouxe para a fortuna literária mundial contos como *Pierre Menard, autor do Quixote* (1986a) e *Sobre o rigor da ciência* (1982), em cujos enredos a questão da incorporação está posta explicitamente, e textos, aparentemente menores, mas que, de modo implícito (talvez melhor camuflados ou frutos de seus singulares despistes), como *O homem da esquina rosada* (1987) e *A intrusa* (1986b), também, numa análise mais vertical, não ocultam plenamente os veios ou as britas de narrativas advindos de histórias anteriores, consagradas pelo tempo.

Nossa pesquisa sobre a sua poética nos levou a seus acervos pessoais depois de um longo périplo com a guardiã de seus documentos, Maria Kodama, e os pormenores para obtermos esse acesso são efetivamente irrelevantes [1]. Consultando alguns textos que Borges ditou nos últimos meses de sua vida para Kodama, encontramos alguns que jamais chegaram ao leitor de língua portuguesa, o que não constitui exceção na disseminação editorial póstuma de sua obra. Apenas na Argentina, inserido no livro *Dispersos* (1994), e na Espanha e no Reino Unido, em suplementos literários, esses sete (número cabalístico, caro ao escritor) textos ganharam publicação. Estranhamente, não todos, apenas um, *Verbo-eros*, cujo tom lascivo talvez seja único na obra de Borges, apareceu numa revista de Estocolmo [2], por ironia a cidade sede do Prêmio Nobel que não reconheceu a grandeza de sua obra, conforme nossa tese [3], por não entendê-la como de sua verdadeira e autêntica autoria.

Nosso intuito, nas páginas a seguir, é partilhar com os pesquisadores dedicados aos estudos das apropriações, desapropriações e inapropriações no âmbito das artes,

esses contos inéditos de Borges, por nós traduzidos para o português, apontando brevemente elementos ou resíduos que ele inseriu, como um editor de assombroso talento, de textos da literatura antiga e até mesmo apócrifos. Esperamos, assim, que possam ganhar observação mais profunda e gerar interesse pelo seu valor e pelos recursos estilísticos incorporados por seu autor, àquela altura da existência um cego que os “escreveu” por meio de sua voz e cuja concretização na forma escrita contou com a mediação de Kodama (mediação que impõe, igualmente, o tema da co-criação).

Convém, então, apresentar os referidos textos com exíguo detalhamento, deixando-os como terra a ser lavrada pela leitura e posterior análise por aqueles que tenham os saberes para tal demanda, uma vez que, para nós, seria uma iniciativa redutora ocupar este espaço para apresentar unicamente a nossa percepção dos enunciados dominantes na memória discursiva desse pequeno, mas rico, “corpus” da produção borgiana. Realçamos apenas a definição de Silviano Santiago (2000) da literatura como uma forma de antropofagia, lembrando que o leão se alimenta de cordeiros, ou seja, nossa posição se assenta na certeza de que o consumo literário de Borges, as obras consumadamente clássicas lidas por ele, geraram a totalidade de seus escritos.

Dois desses sete contos inéditos, *Círculo-sonho* e *Sonho-círculo*, tratam de uma das obsessões do escritor argentino – os sonhos, já anunciada em seus títulos –, mas ensejam, ao contrário, pesadelos; a rede de citações de textos antigos de variadas culturas (nórdica, hindu e persa) é das mais complexas, merecendo uma investigação profunda dos estudiosos de teoria e crítica literária, pois revelam não só a mistura de matéria-prima que Borges se valeu para elaborá-los, mas insinuam todo o seu circuito de leitura, ou seja, as obras canônicas (tanto da tradição ocidental quanto oriental) que ele consumiu para elaborar ambos os relatos.

Verbo-eros, como já mencionado, traz um registro erótico, inexistente até então na produção desse autor, não obstante possamos apontar nesse relato, ditado por um quase nonagenário cuja memória remota a descoberta da linguagem (em sua infância), que a lubricidade da escrita está bem mais em relevo do que a escrita da lubricidade.

O conto *Selva*, que, a princípio, poderia contrastar com as temáticas usualmente trabalhadas por Borges, é uma peça literária de distopia; como se fosse um Tirésias do século XX, o escritor prediz talvez a pandemia do novo coronavírus que vem abalando o mundo neste ano de 2020. Há uma dinâmica de diálogos entre os dois personagens protagonistas (a dona de uma pousada e um viajante) incomum na prosa do escritor platino, mas é provável que seja uma imitação dos contos do *Decamerão*, de Boccaccio (1979), nascidos, em contexto semelhante, da reclusão de um grupo de pessoas forçada

pela eclosão de uma peste.

Outro desses contos desconhecidos do público lusófono, *Fruta e fábula*, embora de curta extensão, traz um desfecho desconcertante, como muitos textos de Borges com esse formato, entre os quais *Episódio do inimigo* (1976) e *O cativo* (1987). Temos uma apropriação não só de uma fábula de Esopo, mas também o insinuante e inusitado uso das *kennningar*, figuras de linguagem primitivas, consideradas matrizes das metáforas.

Sal é um típico relato borgiano, a modo de seu célebre conto *A aproximação a Almotásim* (1986a), e nos conduz à juventude do escritor e ao tema das coincidências, explorado por ele em outras histórias, como *A flor de Coleridge* (1987), e mesmo em seus poemas de cunho religioso. Nesse texto, destacamos o distanciamento do narrador-protagonista, que, embora se expresse em primeira pessoa, refere-se a si como “ele”, nos lembrando da superfície dos espelhos – outra obsessão de Borges.

Por último, *Dois cegos*, cumpre esclarecermos, integralmente aqui traduzido, tem um de seus trechos reproduzidos no livro *Nos labirintos de Borges* (2014), mas a sua autoria é assumida por um escritor brasileiro contemporâneo. Na trama da história, a referência a Tirésias como precursor do próprio escritor argentino, além de um raro exercício biográfico, expõe uma nova versão da deficiência do grego, caracterizando-a como uma vidência. Borges desapropria a maldição que desqualifica Tirésias e a transforma em dom ou virtude – virtude da escrita como produto da leitura.

Vejamos, a seguir, os sete contos que traduzimos excepcionalmente, como já dito, para somar à labiríntica discussão das obras criadas pelo método “corte e cole”, denominado no campo literário de escrita não-criativa.

Círculo-sonho

Uma noite, em meio à guerra, soldados-sonho de uma facção tomaram uma aldeia inimiga e violentaram as mulheres-sonho que lá viviam e, após incendiar as casas, fugiram às carreiras. Algumas mulheres-sonho enlouqueceram, outras se enforcaram. Uma, no entanto, engravidada pelos soldados-sonho, sem saber o que acontecia com seu corpo, gerou, tempos depois, um menino-sonho. E, quando cresceu, o menino-sonho soube por sua mãe, à espera da morte, que ele era filho-sonho de um estupro coletivo. A guerra entre as duas facções terminou – o jovem-sonho saiu então à procura de seu pai. Demorou anos para localizar um dos soldados-sonho que haviam cometido aquela vilania e, por meio dele, encontrou os outros – já velhos e inválidos. Tentou descobrir qual seria o seu pai, mas, como não reconheceu seu rosto no rosto de nenhum dos ex-soldados-sonho, decidiu matar a todos. Em memória de

sua mãe, torturou-os, um a um, antes de incendiá-los vivos. Quando o último deles queimava, a mulher-realidade que gerava essa história-pesadelo despertou e ouviu o som dos bombardeios e, debruçando-se à janela do quarto, viu os soldados-sonho invadindo a sua aldeia.

Sonho-círculo

Um sonho-mulher e um sonho-homem se encontraram, certa ocasião, na mente de um Sonhador. Apaixonaram-se, copularam e geraram um sonho-menino. Esse quis saber de onde vinham e para onde iam os sonhos. Mas, nem bem fez essas perguntas, já era um sonho-morto. E morto, o sonho-menino se viu numa barca em meio a um rio. Perguntou ao barqueiro para onde iam. Só há duas rotas, o homem explicou: a primeira o levaria a uma das margens, onde, depois de conhecer o Sonhador, ele se diluiria no esquecimento. A outra o conduziria à margem oposta, onde não encontraria o Sonhador, mas se recordaria de sua breve-e-idílica-vida. Qual delas o menino-sonho escolherá?

Verbo-eros

Tirei devagar a calcinha da palavra – sua vulva, em destaque, atraiu no ato minha língua e meu falo; aquela tomou a iniciativa, ponta úmida e macia a preparar a entrada desse, seco e bruto. De seus lábios unidos, à espera que eu os afastasse, subiu o aroma da reentrância escura, enquanto a linha de sua penugem rabiscava minha vista. Lambi-a longamente, vulva-da-palavra, salivando o seu corte na carne, passando de uma virilha a outra e retornando à sua base, para imprimir em minha boca a sua cicatriz. Depois de trazer com meu molho o seu à superfície, lubrificando o desejo de me esconder, entrei lentamente nela, que, contraindo-se, elevou-me do silêncio à fala. Eu, menino – em meu primeiro gozo-palavra.

Selva

1

– Há alguma vaga aqui? – perguntei, quando a porta se abriu e a mulher apareceu com o candeeiro na mão.

– A pousada está vazia – ela disse, aproximando o facho de luz de meu rosto. – A praga espantou os turistas...

– Não tenho medo – eu disse.

– De onde vens? – ela perguntou, mirando-me os olhos.
– Da fronteira – respondi.
– O sol se pôs faz tempo. Como te guiastes, pela mata, nessa escuridão? – ela perguntou, mordendo os lábios.
– Vim lendo as estrelas, como os índios – respondi.
– Passe! – ela disse, empurrando-me. – O diabo costuma tentar entre os batentes...
– Obrigado – eu disse.
– Ainda há estrelas em teus olhos – ela disse, acendendo outro candeeiro.
– Vou apagá-las com o sono – eu disse.
– Tuas roupas estão molhadas – ela disse.
– Logo secam – eu disse.
– Tens fome? – ela perguntou.
– Sim! E a sede me queima a boca – eu respondi. – Mas não tenho dinheiro com que pagar.
– Aqui o dinheiro não vale nada – ela disse. – E tu falas demais para quem andou tanto.
– Perdoe-me – eu disse.
– Tua voz é mais jovem que o teu rosto – ela disse, enfiando-se por um largo corredor.
– Talvez porque sou um contador de histórias – eu disse, seguindo-a.
– Esse é o teu quarto – ela disse, abrindo uma porta. – É o melhor da pousada.
– Não sei se mereço a cortesia – eu disse.
– Aqui dormia uma antropóloga – ela disse. – A praga a levou na semana passada.
– Lamento – eu disse.
– Deixou aí esse vestido de noiva – ela disse.
– Panos sempre têm alguma serventia – eu disse.
– Estamos sós! – ela disse.
– Tem certeza? – perguntei. – Vejo umas sombras ali.
– São apenas macacos – ela respondeu. – Vou ferver água para o teu banho.

2

– Ensopado de tartaruga – ela disse, colocando a terrina fumegante à minha frente. – Espero que aprecies, é o que temos por aqui.
– A fome apura o paladar – eu disse, servindo-me. – E tu? – perguntei vendo-a beber um gole de aguardente.

– Estou nauseada – ela respondeu, enxugando os lábios com as costas das mãos. – A solidão me tira o apetite.
– Em mim aumenta – eu disse, mastigando com avidez.
– O banho te reanimou – ela disse, entregando-me a garrafa.
– Nada pode reanimar uma alma partida – eu disse, indiferente.
– E o que tu sabes da alma? – ela perguntou, as feições diluídas na penumbra.
– O mínimo para se viver – eu disse.
– Ninguém sabe muito de si mesmo – ela disse e soltou uma gargalhada. – A fome destempera a razão.
– A tua comida está saborosa – eu disse, mudando de tom.
– Não te esforces para me agradar – ela disse. Recolheu a garrafa e bebeu outra talagada. – O melhor de um homem é a sua sinceridade.
– Não sou adulator – eu disse, a boca cheia de comida.
– Tua voz é mais jovem que o teu rosto – ela repetiu, engolindo-me com os olhos. – Vais me contar uma história?
– É só o que sei fazer – eu disse. – Mas não esta noite!
– Por quê?
– Preciso dormir. Me sinto exausto...
– Estou pedindo apenas o que podes me dar – ela disse, tomando outro gole.
– Ninguém pode dar senão o que já é do outro – eu disse.

3

– Posso entrar? – ela perguntou, batendo à porta.
– A casa é tua – respondi, já deitado.
– Não te obrigues a nada – ela disse e entrou, iluminando o quarto com o candeeiro.
– Por que estás com esse vestido? – perguntei.
– É apenas pano, como tu dissestes – ela respondeu. – E talvez eu não tenha outra ocasião para usá-lo.
– És uma mulher bonita – eu disse.
– Então vais me contar uma história? – ela perguntou.
– Estou cansado demais – respondi. – Amanhã, se quiseres, conto-lhe várias.
– Amanhã podemos estar mortos – ela disse, cambaleando. – A praga está próxima.
– Morremos a todo instante – eu disse.
– Quero morrer com boas lembranças – ela disse, acercando-se da cama.

- Lembranças não servem para nada – eu disse.
- De que vive então um contador de histórias? – ela disse e emendou: – Conta-me uma esta noite.
- As palavras não me obedecem – eu disse. – Amanhã, quem sabe...
- Hoje! – ela disse.
- Essa luz está me ardendo os olhos – eu disse.
- As estrelas já se apagaram neles – ela disse, mirando-me frente a frente.
- Deixa-me dormir – pedi.
- A solidão te embriagou – ela disse.
- O álcool é mau companheiro – eu disse.
- Não suportas estar a sós contigo! – ela disse.
- Pois é – eu disse – Toda história é para dois.
- Se não queres contar uma, então escreva a tua no meu corpo – ela disse, com o hálito forte de bebida.
- A minha história me pesa demais – eu disse.
- Tu a tornas leve se em mim a pronuncias – ela disse. E foi tirando o vestido.

Fruta e fábula

Esopo, faminto e exausto de tanto caminhar, viu uma árvore distante carregada de frutas-fábulas. Arrastou-se devagar até lá e, acercando-se de sua copa, constatou, por entre a folhagem, que as fábulas maduras pendiam nos galhos mais altos. Atirou pedras-e-pedras para derrubá-las, mas suas tentativas em nada resultaram. Sentou-se à sombra da árvore e, mirando as fábulas-frutas, disse: *Estão podres.*

Sal

Depois que partiu de Granada, ainda a primeira viagem à Espanha, resolveu viajar para o Marrocos. Passou o estreito de Gibraltar e foi a Tânger e a Fez. Ao retornar, parou em Algeciras, onde dormiu uma noite no saguão de um albergue, cujo porteiro, um português, apiedou-se dele e permitiu que se ajeitasse por ali, não sem antes cobrar o preço de um quarto e lhe exigir a *propina*.

Tentou permanecer mais um dia na cidade, batendo em *hostais* e pousadas e até mesmo em hotéis caros. Mas era alto verão, Algeciras sangrava turistas, e ele não encontrou vagas em nenhum lugar. Foi à estação rodoviária comprar passagem para algum *pueblo* da Andaluzia. Decidiu-se por Málaga e para lá seguiu num ônibus lotado.

Nem imaginava que um enxame de viajantes, sedentos de praia, até mais do que em Algeciras, já entupia a cidade.

Desembarcou às seis da tarde em Málaga, mas, como o sol persistia no céu até dez, onze da noite, calculou que teria tempo de sobra para achar um *hostal*. Pôs-se a procurar ali, nas redondezas, onde, pela proximidade e pelos preços baixos, os mochileiros costumavam ficar. Não encontrou vagas nos primeiros, mas imaginou que adiante haveria alguma *habitación*.

Embrenhou-se pelas ruas da cidade. Procurou, procurou, e nada. Quando se deu conta, passava das nove horas. Começou a se inquietar, quando, no último albergue, o porteiro comentou que, naquela noite, havia uma festa tradicional em Málaga, seria impossível encontrar algum quarto.

Ele passara por muitas praças com gramados, onde poderia se deitar, mas, como soubera ao chegar à Espanha, a polícia corria os logradouros públicos, expulsando quem se arriscasse a dormir ali.

Foi quando viu três jovens, que caminhavam juntos no fim da rua, separarem-se, e cada um entrar num *hostal*. Segundos depois, saíram, um a um, e se reuniram novamente. Na certa buscavam pouso e, igual a ele, não estavam achando. Foi em sua direção, e, em conversa com os jovens, confirmou a sua suspeita.

Eram mexicanos, e dali seguiriam para Toulouse, onde um amigo os esperava. Estavam desolados. Tinham chegado a Málaga ao meio-dia, haviam conseguido passagem para Toulouse somente para o dia seguinte e, desde então, rodavam pelas ruas da cidade atrás de hospedagem. O mais velho, para unir forças e reanimar os demais, disse-lhe: *junte-se a nós, vamos procurar juntos*.

O convite lhe avivou a esperança. Se era mais difícil encontrar vagas para quatro pessoas, menos solitária, no entanto, se tornava a sua peregrinação que, nem era preciso lembrar, começara pela manhã em Algeciras.

Com ímpeto renovado, prosseguiram a procura pelas adjacências, entrando em outros albergues, mas saindo deles sempre com o não nas faces suadas – o calor não arrefecia, apesar da expansão da noite. A uma dada hora, sentaram-se num café. O mais velho propôs que pegassem um táxi e fossem a uma zona afastada do centro, onde talvez os turistas não tivessem ainda tomado as pousadas. Houve uma certa resistência, por conta do custo do deslocamento e pela incerteza do resultado. Então, foi estipulada uma quantia para aquela tentativa, a ser dividida entre os quatro. Alcançado esse valor, saltariam do táxi e continuariam a busca a pé.

Abordaram, então, um taxista, e este, apesar de pouco amigável, aceitou fazer a corrida. O melhor seria levá-los a um bairro distante e para lá se dirigiu. Quando

entrou numa longa avenida, disse, *se não encontrarem aqui, só no camping!* O grupo combinou um revezamento: dois permaneceriam no táxi, enquanto outros dois desceriam e entrariam nos *hostais* para perguntar por vaga; ao retornarem, o carro prosseguiria, e, mais adiante, a outra dupla repetiria o procedimento.

Já passava da meia-noite e eles continuavam sem perspectiva, o valor combinado com o taxista prestes a ser atingido. O mais velho decidiu: *leve a gente pro camping!* Não tinham equipamento para acampar, mas lá, pelo menos, poderiam dormir no chão, livres da repressão policial. O táxi estacionou numa rua erma. Paga a corrida, os quatro seguiram adiante.

Ele se sentia exausto, mas esperançoso. Apesar do escuro, via-se, pelo vão das cercas do camping, o amontoado de barracas coloridas entre as árvores. Mas, quando se aproximaram do portão, notaram numa placa os dizeres: *no hay plaza*. Um dos mexicanos, enfurecido, chutou o portão, fechado com cadeado, e tentou escalá-lo. Mas, àquela altura, faltava-lhe braços.

O mais velho retomou a iniciativa e foi margeando o camping. Caminhava com firmeza, seguido pelos demais. Conforme avançavam, perceberam que, adiante, insinuava-se uma avenida de terra, à beira-mar, onde a luz fraca de um bar oscilava.

Dirigiam-se para lá e, quando se acercavam, a luz se apagou e umas vozes foram se afastando, se afastando, até silenciarem. O luar lhes indicou uma amurada em frente ao bar, e, saltando na areia, os quatro ali se acomodaram, fazendo de suas mochilas travesseiros.

Ele fechou os olhos. O som da maré o embalou e a brisa do mar refrescou seu corpo quente. Aspirou, seguidas vezes, o aroma do sal, que lhe pareceu uma bênção. E adormeceu feliz.

No dia seguinte, sua consciência foi abruptamente ligada. Uma corrente fina, mas persistente, de água fria, caía sobre sua cabeça. Ele se levantou, assustado, e demorou para compreender o que ocorria: uma mulher lavava a soleira da porta do bar. A água, jorrando da mangueira, penetrava numa fenda da amurada e gotejava no lugar onde ele se deitara. Os mexicanos dormiam, incólumes; uma gaiivota rasgava o céu.

Mas, se contou este fato, muitas vezes, após retornar ao Brasil – não pelo longo dia à procura de cama, mas por aquele aroma de sal, aspirado à noite – aroma que jamais sentiu em outra praia –, ele, aos poucos, premido pelas urgências diárias, foi se esquecendo de tudo, tudo.

Soterrada se manteve aquela lembrança, até mesmo quando, passados vinte e dois anos – vinte e dois, o segundo número palíndromo –, ele voltou a Málaga para um

congresso. Queria fugir da algaravia do hotel oficial dos congressistas e escolheu, pela internet, uma pousada distante do centro.

No aeroporto, pegou um táxi (outros eram os tempos) e rumou para lá. Era noite madura e longo foi o seu trajeto até a pousada, numa praia distante do centro da cidade. Num trecho do caminho, que lhe pareceu familiar, avistou uma extensa área arborizada, imersa na escuridão. Era o camping, desativado, o que ele só foi saber depois.

No dia seguinte, iria ao congresso só à tarde. E, como estava no coração do verão, caminhou até a praia para se banhar. Havia uns bares rústicos na orla e seus pés o levaram até um deles. Sentou-se à mesa e pediu uma cerveja. Sem um motivo maior, ficou a observar a mulher que o serviu. Ela envelhecera. Pegou a mangueira e começou a jogar água por ali.

Ele fechou os olhos. A brisa refrescava o seu corpo quente e o som da maré o embalava. Sorveu o ar e, então, sentiu aquele (aquele) aroma de sal. Sorveu outras vezes o ar e exalou-o, devagar, sentindo a certeza, como uma gaivota, pousar em suas mãos.

Abriu os olhos e caminhou até a amurada, em frente ao bar. Lá embaixo, os mexicanos, despertados, riam da água, certa, que caía sobre sua cabeça.

Dois cegos

Arrasto os pés por essas terras calcinadas. No pó vulcânico, deixo as marcas de meu destino. Cego por um castigo de Júpiter, vivo à deriva, enfrentando os maremotos do futuro. Apodreço lentamente nesse tempo de horas vazias e imóveis. Exilado permanente das trevas, palmilho imensuráveis distâncias. Meu itinerário nunca se finda, vou de ilha-em-ilha, velando a sorte desse leviano arquipélago. Em troca de comida, ofereço a exatidão de minhas profecias. Boiando no caldo-da-escuridão, o tempo para os meus olhos não se divide. A eternidade se movimenta em minha cegueira. Aberto para um universo paralelo, embriago-me com o horror e a poesia de eras ulteriores. Morto para esse tempo, vejo no entanto a vida do próximo. Vejo a jovem Média escutar o uivo primitivo do mal e se iniciar nos dons da feitiçaria. Vejo-a, anos depois, degolar os filhos e ascender com dragões alados pelos céus da Cólquida. Vejo toda a sua história e a de Édipo, que também conheceu a densidade das trevas. Vejo a história de Hércules, de Aquiles, Teseu, Quíron, a história de todos os mortais até o êxodo dos deuses. A vidência, essa lepra implacável que mastiga as raízes do cérebro, nem a mim poupa. Prevejo com insuportável nitidez o meu porvir.

Na sombra, vejo um homem que me aguarda, séculos à frente. Um humilde grego de sandálias toscas que se recordará de mim e lançará sua verve ao papel. Como pedra, que atirada ao rio produz círculos concêntricos até atingir a margem, outro homem então, mais adiante, me recordará também, com igual intensidade. Esse segundo, resignadamente cego, apoiado a uma bengala, um dia cortará a rua de uma cidade-platina. Entrará numa biblioteca cujas inumeráveis estantes de livros recordam o labirinto de Dédalo. Na curva de uma delas, intuitivamente, apanhará um livro. Uma obra sobre o seu passado e o meu presente. Pedirá a alguém para que leia algumas páginas em voz alta. Impaciente, se moverá na cadeira, preso à sua escuridão. E, então, vejo-o sorrir e ditar a minha-história.

À guisa de conclusão

É provável que haja mais textos de Borges ainda não traduzidos para o português, e mesmo para outras línguas. Um dos últimos achados literários notáveis das últimas décadas foram as gravações de seis palestras ministradas pelo escritor argentino na Universidade de Harvard entre 1967 e 1968, que resultaram na publicação, em várias partes do mundo, do livro *Esse ofício do verso* (2000).

As narrativas aqui apresentadas, agora acessíveis ao leitor brasileiro, consistem num aditivo aos contos mais conhecidos de Borges, eivados de enunciados que extraiu de obras do cânone ocidental (em sua maioria) e oriental, e acenam para outros recursos, utilizados por ele, que consagram menos a assimilação comum a toda criação de elementos explorados por obras pregressas e mais uma espantosa bricolagem de blocos de seus enredos. Acrescentam a estranha novidade de trazer palavras compostas, com hifenização, num grau maior do que nos demais textos de prosa de Borges.

Imprescindível alertarmos, também, para o infindo dilema do processo de transcrição de obras de um idioma para outro: nós, que traduzimos essas histórias borgianas, não somos de fato os autores delas, como Pierre Menard, autor do *Quixote*? Eis, de fato, uma interrogação pertinente, capaz de ser respondida tão somente pelos rábulas, ou pelos puristas, da academia.

Notas

[1] Caso seja de interesse do leitor, um testemunho dessa nossa odisséia pode ser encontrado na revista *Piauí*, n. 234, set. 2019

[2] Na Espanha, os contos saíram no jornal El País, 23 jan. 1996; no Reino Unido, no caderno C do The Guardian, 31/04/2004; na Suécia, na National Library Magazine, n.123, 2001.

[3] Vide nossa tese de doutorado “O plágio do universo original: um estudo sobre o processo criativo (imitativo) do escritor Jorge Luis Borges e suas cópias autenticadas pela crítica literária globalizada”, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2YFhc3b>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

Referências

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BORGES, Jorge Luis. **Dispersos**. Buenos Aires: Emecé, 1994.

_____. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Ficções**. 4. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986a.

_____. **História universal da infâmia**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

_____. **Nueva antologia personal**. 16. ed. Mexico DF: Siglo Veintiuno Editores, 1987.

_____. **O aleph**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986b.

_____. **O livro dos sonhos**. São Paulo: Círculo do livro, 1976.

CARRASCOZA, João Anzanello; AGUALUSA, José Eduardo; CUNHA, Leo; AGUIAR, Luiz Antonio. **Nos labirintos de Borges** – Contos inspirados em Jorge Luis Borges. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.